

“Em seus investimentos, a proximidade dos fatos lhe traz miopia.”

(do maior gestor brasileiro de todos os tempos)

Caro(a) cliente da Foster,

Em nossa última Carta Trimestral (em janeiro 2022), comentamos, dentre vários assuntos, sobre a incerteza em relação às políticas econômicas que serão adotadas de 2023 em diante após a Eleição Presidencial que ocorrerá nos dias 02 e 30 de outubro, assumindo que haverá segundo turno.

Por enquanto o ex-presidente Lula segue liderando as pesquisas eleitorais seguido do atual presidente Jair Bolsonaro. Os demais pré-candidatos seguem correndo atrás, buscando se apresentarem como uma “terceira via”. Possíveis coalizões podem ser feitas até o dia 15 de agosto, data limite imposta pelo TSE para que os partidos registrem oficialmente seus candidatos.

Como qualquer variável complexa, eleições presidenciais são eventos que dependem de diversos fatores, tais como: (a) conjuntura econômica; (b) a avaliação do governo de situação; (c) os recursos financeiros e não-financeiros disponíveis de cada candidatura (dinheiro, palanques estaduais, base de militantes, coligações partidárias) além da rede de comunicação e mobilização nos tradicionais veículos de comunicação e nas mídias sociais.

Olhando as últimas oito eleições presidenciais (de 1989 a 2018), um padrão interessante é que os três candidatos que conseguiram se reeleger (FHC, Lula e Dilma) já lideravam as pesquisas nos meses de março e abril do respectivo ano eleitoral e tinham uma avaliação positiva de seus mandatos entre os entrevistados. Esse não é o caso do atual presidente Jair Bolsonaro. Entretanto, em conversas da Foster com diversos gestores de fundos e com o time político da XP, foi ressaltado por estes participantes de mercado que Bolsonaro segue competitivo e com orçamento na “caneta” a favor de sua candidatura.

Não temos a pretensão ou a capacidade de fazer qualquer projeção do resultado desta Eleição Presidencial, mas buscamos dividir com nossos clientes o melhor nível de informação possível sobre assuntos importantes que possam impacto direto na performance de seus investimentos. Entendemos que devemos buscar trazer os melhores fatos possíveis sobre esse evento que se aproxima e que começará a ter impacto no dia a dia dos ativos brasileiros.

Dentro desse compromisso, gostaríamos de fazer um pequeno Raio-X sobre o eleitorado brasileiro nesse país que possui uma sociedade com costumes e necessidades tão diferentes. Entendemos que na ausência desses fatos fica muito difícil entender as agendas e programas de governo apresentadas pelos candidatos.

- (i) De acordo com o TSE, há 146,8 milhões de eleitores registrados no Brasil;
- (ii) Cerca de 43% destes eleitores vivem no Sudeste, seguido de 27% no Nordeste, 15% no Sul, 8% no Norte e 7% no Centro Oeste;
- (iii) Apenas 21% dos eleitores possuem nível superior;
- (iv) Aproximadamente 82% dos eleitores possuem uma renda mensal de até R\$ 5.500,00;
- (v) Cerca de 40% dos eleitores não possuem um trabalho fixo. Vivem de trabalho informal ou dentro da rede de proteção social que o governo oferece;
- (vi) Mais de 70% dos eleitores vivem em cidades com até 500 mil habitantes;
- (vii) Perfil por sexo mostra que 52% dos eleitores são do sexo feminino e em termos de religião, 53% se declaram Católicos e 24% Evangélicos/Protestantes.

Portanto, o eleitor mediano brasileiro é aquele(a) brasileiro(a) que mora no interior, sem ter ingressado e concluído uma faculdade, que ganha até 5 salários-mínimos e que forma muita da sua opinião em suas comunidades religiosas. O candidato com a pretensão de conquistar 50,01% dos votos válidos nesta eleição precisa dialogar com esse grupo de brasileiros e apresentar um plano de prosperidade e esperança diante do altíssimo desemprego, da inflação e do aumento vertiginoso da desigualdade social.

Esse mesmo candidato também terá a árdua missão de agradar os desejos de públicos tão diferentes como do Sudeste/Sul e do Norte/Nordeste (além do Centro Oeste que a cada ano que passa se firma como uma potência econômica no país). Não é nada fácil!

Historicamente, os ativos brasileiros costumam apresentar maiores oscilações em função das pesquisas eleitorais a partir de abril do ano em que se disputará a eleição presidencial.

O primeiro trimestre foi marcado por uma performance espetacular da Bolsa brasileira e do Real, que apresentam até o momento em que escrevemos essa Carta Trimestral uma valorização de 13,6% e 15,4% respectivamente. Basicamente os grandes compradores de ações brasileiras nesses primeiros meses do ano foram os investidores estrangeiros, pois os dados da B3 e da ANBIMA mostram um volume recorde de saque dos fundos de ações e de multimercados macros pelos investidores locais.

Importante observar a qualidade do capital estrangeiro na Bolsa brasileira. Para que nossos(as) clientes tenham uma ideia da (des)importância do Brasil para os grandes fundos que investem dedicadamente em países emergentes, o peso de todas as ações brasileiras somadas é de aproximadamente 4% do índice. A empresa sul-coreana Samsung possui o mesmo peso no índice de ações de países emergentes (MSCI Emerging Markets). Para terminar, 80% deste índice é formado por empresas asiáticas.

O que queremos dizer é que o investidor estrangeiro que vem comprando bolsa no Brasil em 2022 já dedicou no passado muito mais tempo para entender melhor o país – e não conseguiu. Hoje, dedicar seu tempo entre estudar todas as jabuticabas brasileiras ou os fundamentos da Samsung deve produzir para ele os mesmos frutos – com o perdão do trocadilho. Portanto, é vital que ao longo do ano o ambiente de negócios vá melhorando no Brasil. Ou pelo menos as perspectivas a partir de 2023.

Já a janela de Renda Fixa segue aberta com ótimos produtos tanto de emissões bancárias como de títulos de crédito privado de empresas sólidas que oferecem um rendimento – isento de IR para o investidor pessoa física – incomparável com as demais classes de ativos quando ajustada pelo risco.

A inflação permanece a grande vilã, com o IPCA acumulado em doze meses beirando o patamar de 11% e o Banco Central do Brasil sendo obrigado a subir a Selic para pelo menos 12,75%. Nas projeções das gestoras que possuem os melhores fundos Multimercados Macro do país, a Taxa Selic ficará nesse patamar por um longo período, começando a cair novamente entre o primeiro e o segundo trimestre de 2023, quando a inflação indicar o arrefecimento para um patamar inferior a 4,0% em 2024. Nessa ocasião, eles esperam que a Selic volte para um patamar inferior a 8,0%.

Por fim gostaríamos de reforçar sempre para nossos(as) clientes o nosso compromisso: ajudá-los(as) a construir riqueza de forma consistente, evitando perdas anuais em seus portfólios e enriquecendo a qualidade da informação que dividimos com vocês, que são o nosso propósito e que sem a confiança depositada na Foster, não haveria razão para estarmos aqui prestando nosso serviço de assessoria de investimentos.

Um grande abraço,

Equipe Foster